

4

Tentativa de organização do caos: A Gramática de Valências de Busse e Vilela

A gramática de valências é de fundamental importância para o nosso estudo, uma vez que tem o verbo como ponto de partida, como centro dinâmico da frase, e, a partir dele, trata sintática e semanticamente os outros elementos.

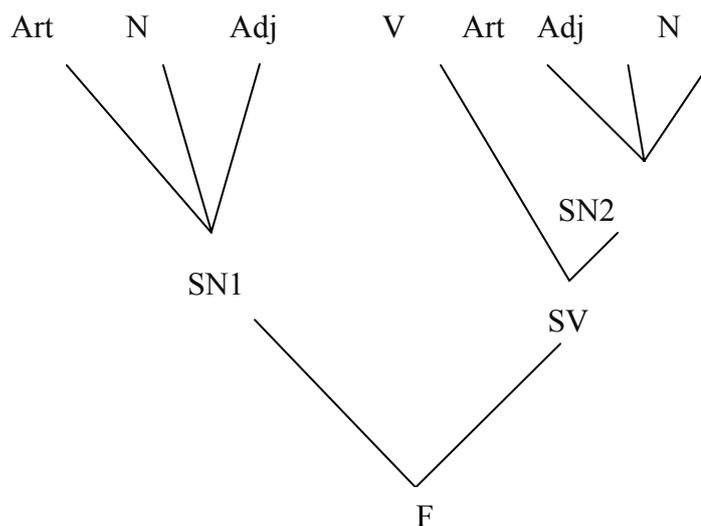
Segundo os autores, a gramática tradicional “não dispõe de instrumental teórico-descritivo para distinguir, de modo adequado, os múltiplos fatos da língua” (1986:5). Desta forma, a gramática de valências propõe-se a estudar a relação forma e conteúdo na totalidade dos seus elementos constituintes. São, portanto, dois os pólos de análise existentes na gramática de valências: a sintaxe e a semântica.

Na sintaxe são aplicados, em geral, dois princípios de análise complementares: *constituência* e *dependência*.

A análise com base na constituição¹⁰ considera a estrutura da frase como uma hierarquia de categorias sintáticas. Trata-se de uma relação de pertença ou de decomposição. Os autores exemplificam tal relação da seguinte forma:

(151) *Uma empresa portuguesa apresenta os novos computadores.*

¹⁰ Desenvolvida e conhecida como análise em constituintes imediatos – IC, e depois reformulada, na gramática de estrutura frásica – PSG.



$F \rightarrow SN1 + SV$

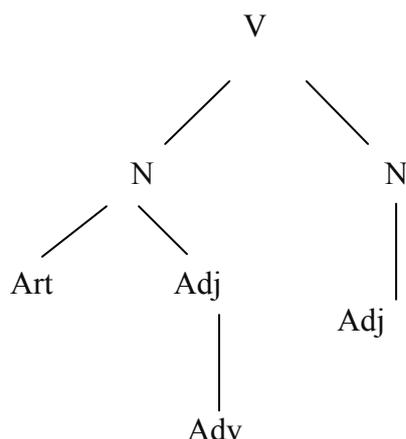
$SN1 \rightarrow Art + N + Adj$

$SV \rightarrow V + SN2$

$SN2 \rightarrow Art + Adj + N$

A gramática de dependências baseia-se numa relação estabelecida não entre categorias de níveis diferentes, mas entre elementos básicos – palavras – ou categorias básicas. Tal relação pode ser interpretada como uma relação de (co) ocorrência: “diz-se que um elemento depende do outro, se a possibilidade de ele ocorrer pressupuser a presença de outro elemento” (1986:10).

Uma das características da gramática de dependências reside no fato de considerar o verbo o elemento de que dependem os outros elementos da frase. Desta forma, uma representação gráfica generalizada – válida para todas as frases com a mesma estrutura – do exemplo (151) seria a seguinte:



Segundo Busse e Vilela, dentro da gramática de dependências há o desenvolvimento da sintaxe verbal conhecida como gramática de valências.

4.1

A noção de “valência” e a Gramática Tradicional

Busse e Vilela chamam **valência** ao “número de lugares vazios” – ou argumentos – “previstos e implicados pelo (significado do) lexema”. E completam dizendo que “são os verbos que apresentam de modo mais evidente estruturas relacionais do tipo valencial” (1986:13). Os preenchedores dos lugares vazios são chamados pelos autores de **actantes**.

Vejam os seguintes exemplos, com o verbo “dar”. Tal verbo apresenta claramente três actantes: quem dá, o que é dado e o receptor. Assim, temos: dar (x, y, z).

A centralidade do verbo na frase, como predicado, consiste no fato de o verbo determinar a estrutura básica da frase, por força dos lugares vazios, da sua estrutura relacional.

Além do número de lugares vazios, o verbo determina também as propriedades morfo-sintáticas e semânticas dos actantes que realizam, nesta frase, esses lugares vazios.

É válido destacar que, na teoria de valências, o sujeito é considerado como um complemento do verbo da mesma natureza que os restantes – como vimos em nossa análise do trabalho de Maria Eliana Duarte Alves de Brito, cujas bases apóiam-se em uma Gramática de dependências –, distinguindo-se, assim, da Gramática Tradicional.

A ideia de “valência” é expressa de forma incompleta pela Gramática Tradicional através da ideia de “transitividade”, com que distingue os verbos com complemento(s) – Transitivos – e sem complemento – Intransitivos. Há ainda uma terceira categoria, a dos verbos sem sujeito – Impessoais. Estas expressões referem-se, evidentemente, ao número de actantes do verbo.

Para os adeptos da Gramática de Valências, tais terminologias gramaticais apresentam algumas incoerências. Estes apontam que, para a análise da estrutura da frase, a Gramática Tradicional distingue basicamente “termos” da oração, funções sintáticas destes “termos” (sujeito, objeto, etc.) e as suas estruturas (subordinadas, em que inclui também as completivas, relativas, infinitivas e conjuncionais).

As funções dos membros da frase dividem-se em:

- a) sujeito e objeto(s);
- b) adjuntos adverbiais.

Tem-se, por um lado, as funções de membros da frase que se referem diretamente ao verbo, e, por outro lado, as funções de membros da frase que não apresentam esta característica e que, por isso, são chamados adjuntos.

Em primeiro lugar, como procuramos mostrar ao longo deste trabalho, a distinção entre complemento direto e indireto mostra-se insuficiente, uma vez que haverá necessidade de distinguir um número maior de tipos de actantes de acordo com as propriedades morfo-sintáticas características, sendo a distinção entre complemento direto e indireto apenas uma dessas características.

Além disso, o conceito de objeto indireto é usado pela Gramática Tradicional para referir-se a vários tipos de complementos preposicionados que se

diferenciam entre si pelas suas propriedades sintáticas. Observemos as seguintes frases:

(152) O doente obedeceu **ao médico**.

(153) O doente recorre **ao médico**.

Embora os dois termos sejam regidos pela mesma preposição, as possibilidades de pronominalização são diferentes:

(152.a) O doente obedeceu-**lhe**.

(153.a) O doente recorreu **a ele**.

Outra incoerência apontada pela Gramática de Valências é o fato, já comentado neste trabalho, de esta classificação restringir a noção de alguns complementos verbais, classificando como adjunto – devido à sua natureza adverbial – termos que são tão indispensáveis ao verbo quanto qualquer objeto direto ou indireto. Observe:

(154) Maria porta-se bem.

O termo “bem”, considerado pela Gramática Tradicional como adjunto adverbial, é indispensável ao sentido do verbo.

Tais incoerências ficam evidentes quando colocadas lado a lado as visões dos diferentes autores analisados:

| Gramática Tradicional | Rocha Lima | Evanildo Bechara | M^a Eliana D. Alves de Brito |
|------------------------------|----------------------------|-------------------------|---|
| Objeto | Objeto Indireto | Objeto Indireto | Objeto Indireto |
| Indireto | Complemento Relativo | Complemento Relativo | Complemento Relativo |
| | Complemento Circunstancial | | Complemento Relativo Opcional |
| Adjunto Adverbial | Adjunto Adverbial | Adjunto Adverbial | Complemento Locativo |
| | | | Adjunto Adverbial |

Visto isto, pode-se dizer que o objetivo da Gramática de Valências é ampliar conceitos já formulados, de modo a abranger a variedade real dos fatos sintáticos. Como apresentam Busse e Vilela, a Gramática de Valências “pretende ser apenas uma visão geral da sintaxe e da semântica do verbo, dentro de uma concepção de gramática, que, sem ser nova, sistematiza de modo novo os fatos da língua” (1986:5).

4.2

Actantes e Circunstantes

A Gramática de Valências questiona os critérios adotados pela gramática tradicional para se estabelecer a distinção entre actantes e circunstantes (sujeito, objetos e adjuntos adverbiais).

Segundo Busse e Vilela, o critério tradicional para identificação dos membros da frase é a interrogação, a que se acrescenta o critério da pronominalização. Assim, o sujeito seria identificado através da pergunta “*quem*

(*é que*) + *V?*” e poderia ser substituído pelos pronomes pessoais na forma não marcada (“nominativo”); o objeto direto seria identificado pela pergunta “*o que (é que) + V + A_I?*” e poderia ser substituído pelos pronomes oblíquos *o(s)*, *a(s)*; e o objeto indireto seria identificado através da pergunta “*a quem (é que) + A_I + V...?*”, com a pronominalização equivalente às formas pronominais *lhe(s)*. Vejamos os exemplos abaixo:

(155) Pedro fez o teste.

(155.a) Quem (*é que*) fez o teste?

(155.b) (Foi) ele (*que*) fez o teste.

(156) O carpinteiro trabalha a madeira.

(156.a) O que (*é que*) o carpinteiro trabalha?

(156.b) O carpinteiro trabalha-a.

Este critério permite ainda a identificação de estruturas homonímicas.

Comparemos o exemplo (156) com o exemplo (157), abaixo:

(157) O carpinteiro trabalha todo dia.

*(157.a) O que (*é que*) o carpinteiro trabalha?

*(157.b) O carpinteiro trabalha-o.

Os autores observaram que há elementos frásicos que, por possuírem a estrutura “*a + SN*”, são, muitas vezes, considerados como objeto indireto, mas que são circunstantes. Observemos os exemplos abaixo:

(158) João deu um livro à Maria.

(158.a) A quem (*é que*) João deu o livro?

(158.b) João deu-lhe o livro.

(159) João constrói um balanço à (para a) Maria.

(159.a) A quem (*é que*) João constrói um balanço?

(159.b) João constrói-lhe um balanço.

Sabendo-se que o verbo *dar* prevê três lugares vazios (quem dá, o que é dado, a quem é dado), concluímos que o termo “*à Maria*”, em (158), é um

elemento previsto pelo verbo e, portanto, é um actante. Já o verbo *construir* prevê apenas dois lugares vazios (quem constrói, o que é construído). O elemento “à *Maria*”, em (159), não é, portanto, um actante, mas um circunstante.

Esse fato é da maior importância para a análise do português brasileiro, dada a gradativa substituição da preposição *a* por *para*, indicadora por excelência da finalidade, mas também coloquialmente preferida para indicar o destinatário.

Busse e Vilela ressaltam que na gramática de valências utiliza-se ainda o isolamento do membro frásico analisado por meio de um “pro-verbo” como *fazer*, *acontecer*, etc.

(159.c) João construiu um balanço e fê-lo para a Maria.

Segundo os autores, tal critério mostra que “a relação dos circunstantes com o verbo e os seus actantes (=núcleo frásico) é de natureza coordenativa, o que já se intui na terminologia tradicional, que fala de ‘adjuntos.’ ” (1986:25).

Outros termos introduzidos por preposição ou que apresentam uma estrutura homonímica com a de outros termos não permitem, para identificação, os mesmos processos aqui citados. Somente através do critério da reformulação por um pro-verbo é que verificamos alguma possibilidade de distinção entre o elemento actante e o elemento circunstante. Observe:

(160) Ele convidou-me para a festa.

(161) Ele poupou dinheiro para uma viagem.

(160.a) Ele convidou-me para isso.

(161.a) Ele poupou dinheiro para isso.

(160.b) Para que (é que) ele me convidou?

(161.b) Para que (é que) ele poupou dinheiro?

*(160.c) Ele convidou-me e fê-lo para a festa.

(161.c) Ele poupou dinheiro e fê-lo para uma viagem.

4.3

Tipos de Actantes

Como já vimos neste trabalho, a classificação dos actantes não pode ficar limitada aos tradicionais “sujeito”, “objeto direto” e “objeto indireto”. A Gramática de Valências apresenta dez tipos diferentes de actantes, conforme veremos a seguir:

A₁: sujeito tradicional

A₂: complemento direto tradicional

A₃: complemento indireto tradicional

A₄: complemento preposicional (com preposição fixa)

A₅: actante locativo

A₆: actante direcional

A₇: actante temporal

A₈: actante de medida, duração, preço

A₉: actante modal

A₁₀: predicativo

4.3.1

A₁: Sujeito Tradicional

O actante A₁ é equivalente ao sujeito tradicional e vem, em geral, antes do verbo. Como vimos anteriormente, admite pronominalização (eu, tu, ele, isto,...) e pode ser identificado através da pergunta “*que(m) (é que) + V?*”.

Como nosso trabalho não tem foco neste tipo de actante – apesar de considerá-lo também como um complemento do verbo –, não nos aprofundaremos em sua análise.

4.3.2

A₂: Complemento direto tradicional

O actante A₂ posiciona-se depois do verbo, admite pronominalização (me, te, se, o, a,...) e pode ser identificado através da pergunta “(o) *que/quem* (é *que*) + A₁ + V...?”.

Busse e Vilela apontam algumas particularidades a respeito deste tipo de actante. A primeira delas é a possibilidade deste vir introduzido pela preposição *a* com verbos de sentimento se o lugar vazio for preenchido por um termo [+ humano] ou [+ animado]. Tal preposição ocorre obrigatoriamente na construção “amar a Deus”, com pronomes pessoais oblíquos tônicos e com *quem*, quando este for pronome relativo ou interrogativo. É facultativa em outros casos, sobretudo com pronomes, sendo mais frequente com nomes próprios de seres animados.

(162) Vimos (a) **João e Antônio**, mas eles não nos viram a **nós**.

(163) O homem a **quem** tu viste roubar era velho.

(164) Ele não ama (a) **ninguém**.

Outro caso apresentado pelos autores é o uso da preposição *a* para marcar a distinção entre o A₂ e o A₁, ou entre o A₂ e o A₁₀ – predicativo.

(165) Feriu o caçador **ao leão**.

(166) **A Pedro**, vi furioso.

É importante também a observação dos autores quanto à possibilidade de “ampliação de valências, em que o mesmo termo pode aparecer como A₂ ou A₃” (1986:36).

(167) Ele ensinava apenas **três alunos**.

(167.a) Ele ensinava geografia apenas **a três alunos**.

4.3.3

A3: Complemento indireto tradicional

Para a gramática tradicional, o complemento indireto tem como característica se ligar ao verbo através da preposição. A gramática de valências restringe esse complemento àqueles actantes introduzidos pela preposição *a*, que admitem pronominalização, principalmente pelo pronome *lhe(s)*, e que se identifica através da interrogação “*a quem (é que) + A_I + V...*”¹¹.

4.3.4

A4: Complemento preposicional (com preposição fixa)

Este complemento, incluído sob a nomenclatura de objeto indireto pela gramática tradicional, diferencia-se: 1- pelo emprego de outras preposições (*de*, *em*, *a*, etc.); e 2- por sofrer pronominalização sob a forma: preposição + pronome oblíquo (*de/ em/ a + mim, ti, si, ela, ele, etc.*). Os autores observam em nota que “pertence a esta categoria o actante mencionado com a preposição *a*, se não for pronominalizável por *lhe*”:

(168) Maria recorreu **ao João** para a ajuda.

(168.a) Maria recorreu **a ele** para a ajuda.

*(168.b) Maria recorreu-*lhe* para a ajuda.

¹¹ É importante a observação feita pelos autores, e apresentada neste trabalho no item 4.2, de que somente esses critérios não são suficientes para se identificar o complemento indireto.

4.3.5

A5: Actante locativo

Este actante tem como marca: *em, dentro de... mim, ele, isso*, etc. e admite pronominalização por *aí, lá, ali, nesse lugar*, etc. Além disso, pode ser reconhecido através da interrogação “*onde (é que) + A_I + V...*”.

(169) Maria vive **no Rio de Janeiro**.

(169.a) Maria vive **lá/ ali/ aí**.

(169.b) Onde (é que) Maria vive?

Busse e Vívella acrescentam que o actante locativo pode ocorrer simultaneamente ou alternativamente com outros actantes – de tempo, de modo, etc. Nestes casos, um dos actantes é obrigatório. O autor designa este actante por *actante situativo (A_{5a})*, como em:

(170) O acidente ocorreu **no Japão**.

(171) O acidente ocorreu **ontem**.

(172) O acidente ocorreu **por incúria**.

(173) O acidente ocorreu **ontem no Japão por incúria**.

4.3.6

A6: Actante direcional

Este actante tem como marca as preposições *para, a, de*, etc. e admite pronominalização por *aí, lá, ali, nesse lugar*, etc. acompanhados pela respectiva preposição. Além disso, pode ser reconhecido através da interrogação “*preposição + onde (é que) + A_I + V...*”.

(174) Irei para **o Japão**.

(175) Irei para **lá/aí**.

(176) Para onde (é que) irei?

4.3.7

A7: Actante temporal

Este actante tem como marca as preposições *para, de, desde*, etc. e admite pronominalização por *para então* ou *para essa hora*. Além disso, pode ser reconhecido através da interrogação “*para que data/hora; desde quando/que data/ que hora (é que) + A_I + V...*”.

(177) Ele marcou uma consulta **para o dia seguinte**.

(177.a) Ele marcou uma consulta **para então**.

(177.b) Para que data ele marcou uma consulta?

4.3.8

A8: Actante de medida, duração, preço¹²

Este actante¹³ ocorre com verbos como *durar, pesar, medir, custar*, etc. Pode ser reconhecido através da interrogação “*quanto/ quanto + SN (tempo, preço, peso, etc.)*”.

(178) A sessão durou **três horas**.

(179) O livro custou **vinte reais**.

(180) O pacote pesa **dez quilos**.

¹² Vide no item 3.3.2.2 B o que diz Maria Eliana Duarte Alves de Brito sobre este tipo de actante.

¹³ A gramática tradicional inclui este tipo de actante dentre o que chama de objeto direto e Rocha Lima classifica-o como complemento circunstancial.

4.3.9

A9: Actante modal

Este actante é marcado por advérbio modal ou pela expressão “de + uma maneira” e pode ser pronominalizado por assim, deste modo, etc.

(181) Ela comporta-se **bem**.

(182) Ela comporta-se **assim**.

(183) *Como é que/ de que maneira ela se comporta?*

Os autores acrescentam que, com outros verbos, o actante modal realiza-se por meio da preposição *a*, ou por um advérbio modal.

(184) A moça cheira **a rosas**.

4.3.10

A10: Predicativo

São considerados como A₁₀ os predicativos do objeto direto da gramática tradicional e também os nomes predicativos de verbos bivalentes. Busse e Vilela ressaltam que o A₁₀, assim como o A₂ com o qual co-ocorre, “é afetado por restrições impostas pelo significado do verbo”. (1986:41)

(185) Ele nomeou Pedro **chefe**.

*(185.a) Ele nomeou Pedro competente.

(186) Ele considera Pedro **chefe**.

(186.a) Ele considera Pedro **competente**.

4.4

Considerações a respeito das categorias semânticas dos actantes

Busse e Vilela apresentam, ainda, aspectos que vão interferir na seleção dos actantes. Entre estes cumpre destacar a tipologia dos verbos que se organizam em campos lexicais, como, por exemplo, mudança de posse (*dar*, *alugar*, *vender*, entre outros). Os verbos de cada grupo possuem traços semânticos comuns e traços inerentes.

No grupo a que aludimos acima, a mudança de posse implica uma transferência. Os verbos citados distinguem-se por traços que indicam a modalidade de transferência. Assim, *dar* pressupõe uma transferência definitiva, sem contrapartida de quem recebe; *alugar* diz respeito a uma transferência temporária com contrapartida de quem se beneficia do objeto transferido. No caso de *vender*, a transferência é definitiva e há contrapartida do novo possuidor.

A valência dos três verbos é a mesma. Selecionam um sujeito (A_1), um objeto direto (A_2) e um objeto indireto (A_3).

É importante, também, levar em conta as categorias semânticas dos actantes. Nos verbos em questão, tem-se

A_1 – [+ humano/ + ativo]

A_2 – [+ objeto alienável]

A_3 – [+ humano]

Não nos estenderemos nesses pontos, porque foge ao propósito geral do presente trabalho: a transitividade e a noção de complemento.

Não podemos, entretanto, deixar de enfatizar a importância do assunto na determinação dos papéis dos participantes em ações. Por exemplo, o fato de um verbo prever A_1 e A_2 , respectivamente, sujeito e objeto direto, não determina que a oração seja passível de apassivação. É necessário que o sujeito seja agente e autor da ação.